Designs por vir: confluências e transfluências de saberes, corpos e práticas

Carolina Noury
Doutora em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Esdi/UERJ onde realiza estágio pós-doutoral vinculada ao Laboratório de Design e Antropologia.

Marina Sirito
Designer e Doutora em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Esdi/UERJ. Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Design e Antropologia.

Vivemos um colapso socioambiental que nos coloca diante da iminência do fim do mundo para a espécie humana. As transformações resultantes do impacto do modo de vida moderno no planeta caracterizam o Antropoceno e evidenciam que, para permanecer, é preciso mudar. O colapso ambiental provocado pelo aquecimento global, pelo aumento da concentração de gás carbônico na atmosfera e pela acidificação dos oceanos ameaça a existência humana, tornando o planeta um mundo sem nós.

Inspiradas pelo questionamento da filósofa Débora Danowski e do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro no livro "Há mundo por vir?" (2017) que afirmam que, diante do Antropoceno, vivemos perante a ausência do futuro. Ao discorrerem sobre as causas (antrópicas) e as consequências (catastróficas) da 'crise' planetária que vem se desdobrando em escala mundial e em velocidade acelerada, os autores sinalizam que "embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós. [...] Nosso presente é o Antropoceno, mas este tempo presente vai se revelando um presente sem porvir (...). Os eventos com que temos que lidar não estão no futuro, mas em grande parte no passado". (p.20). Nesse sentido, pensar o ""fim do mundo" só tem sentido se se determina simultaneamente para quem este mundo que termina é mundo, quem é o mundano ou o "mundanizado" que define o fim. O mundo, em suma, é uma perspectiva objetiva.

Diante da iminência dos muitos imaginários do fim do mundo ou do fim do futuro devemos nos envolver com o exercício de produzir outros pensamentos. Devemos questionar nossa herança alicerçada no modernismo para podermos imaginar outras humanidades, outros designs e, também, outras práticas, pensamentos e ensinos possíveis. A centralidade da perspectiva europeia e norte-americana na história e historiografia do design, mas também de outras tantas disciplinas, como as ciências humanas em geral, contribuiu para o apagamento de muitas outras narrativas. As bases teóricas, metodológicas e ideológicas em que se fundamentam esses campos, partem, predominantemente, do Norte Global, que apresenta uma imposição cultural consolidada por uma violência epistemológica de apagamento de práticas, saberes e narrativas. Desconstruir a narrativa de uma história colonizadora e, portanto,

instauradora de violências e opressões – culturais, sociais e epistemológicas – é lutar contra o epistemicídio e memoricídio, conforme aponta Julio Okabayashi (2021).

Considerando nossa incapacidade política de imaginar o fim do capitalismo, precisamos evocar mundos outros que não vivem sob a égide da mitologia do progresso moderno. Pensar e praticar outras epistemologias é fundamental para permanecermos e imaginarmos futuros e mundos possíveis. Para isso, entendemos que é preciso ampliar a capacidade de imaginação para de fato construirmos outras saídas para as crises que nos assolam. Buscando pistas que nos ajudem a pensar outros futuros, propomos os seminários Designs por vir em que convidamos educadores, artistas, antropólogos, designers e arquitetos, para colocar em diálogo outras cosmologias e outras possibilidades de habitar a terra, a partir de construções narrativas que nos permitam contar outras histórias de futuros que não nos parecem claros agora.

Buscando pensar futuros possíveis, em 2023, organizamos a primeira edição do seminário "Designs por vir: pensar, narrar e praticar outros mundos" em que convidamos o arquiteto Eduardo Costa, o comunicólogo Erick Felinto, a designer Barbara Szaniecki, o pedagogo Luiz Rufino e o editor Ary Pimentel para duas mesas redondas que provocaram discussões que partiram de outros questionamentos a partir da conscientização da colonização do nosso imaginário: Que outras histórias e narrativas podemos contar? Que imagens e representações emergem dessas histórias? Que práticas e saberes nos levam a praticar outros designs? Os resultados da primeira edição foram publicados na Revista Arcos Design, em edição especial intitulada "Designs por vir: pensar, narrar e praticar outros mundos", em 2024. Se na primeira edição nosso foco foi em pensar, narrar e praticar outros mundos, na segunda edição buscamos alianças entre saberes, corpos e práticas que tornem possível a continuidade desses mundos, mas principalmente, tornam possível a imaginação de tantos outros mundos em meio às ruínas do presente.

Há muitos mundos no mundo, afirmam Danowski e Viveiros de Castro (2017). "Falar no fim do mundo e falar da necessidade de imaginar, antes que um novo mundo em lugar desse nosso mundo presente, um novo povo; o povo que falta." (p. 165).

Assim, não buscamos decretar ou prever um fim, mas garantir a permanência a partir dos "nós" que resistiram ao projeto aniquilador de mundos. Nesse sentido, evocamos imagens, narrativas e histórias como forma de preservar mundos.

A segunda edição do seminário Designs por vir realizada em maio de 2025 teve como tema "confluências e transfluências de saberes, corpos e práticas". Inspiradas em autores como Antônio Bispo dos Santos, o encontro buscou promover um diálogo entre saberes que resistiram ao projeto colonial moderno que, baseado no ideal de desenvolvimento, nos levou às inúmeras crises globais que vivemos hoje. Nêgo Bispo (2023) diz que "os colonialistas, povos sintéticos, são lineares e não transfluem, eles apenas refluem, porque são o povo do transporte. (...) Já no sistema cosmológico, não há refluência. A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade." (p.50)

Ao perceber que as águas de um rio no Brasil podem confluir com as águas de um rio que está na África através da chuva, pelas nuvens, Nêgo Bispo defende o movimento da transfluência. "Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui." (p.49). Assim, da mesma forma que as águas doces do Brasil podem chegar à África pelos rios do céu, a sabedoria desses, e de tantos outros, povos também podem chegar até nós no Brasil.

Buscando essa transfluência de saberes, corpos e práticas, o seminário foi articulado em duas mesas. A primeira, com foco nos corpos e práticas que abrem caminhos para imaginar outras formas de projetar para além do paradigma antropocêntrico do design moderno contamos com a participação de Bibiana Serpa, Catarina de Souza, Matheus Ribs e Pamela Marques [Pame Macana] com mediação de Yasmin Menezes e Fabiana Duffrayer.

A segunda mesa, com foco nos territórios e saberes evidenciando epistemologias historicamente marginalizadas. Para isso, convidamos Marcio Goldman e Vladimir Ribeiro, Ana Luiza Nobre, Ligia Nobre e Kauã Vasconcelos com a mediação de Paula de Oliveira Camargo e Fabiana Duffrayer para contar histórias silenciadas e resgatar

saberes ancestrais para imaginar outras representações e repensar as formas de projetar em diálogo com o chão que pisamos.

As falas reunidas neste número de Lugar Comum se encontram num terreno fértil e movente: o chão. É sobre o chão que se desenham mapas, se traçam pontos, se afirmam corpos e se erguem vozes. O chão como condição de existência, como arquivo do mundo e como campo de disputa simbólica e política. Cada uma das contribuições aqui reunidas, vindas de campos e práticas distintas, propõe uma maneira própria de se relacionar com esse território instável — seja pela arte, pela arquitetura, pelo design, pela pesquisa ou pela experiência vivida.

Ana Luiza Nobre apresenta o "Atlas do Chão: mapeamento como prática de cuidado planetário", um projeto de pesquisa e prática colaborativa que pensa a cartografia como gesto de cuidado. Sua fala convoca um desaprendizado do olhar moderno e urbano, para reaprender o chão como fundamento da habitabilidade da Terra. O mapeamento, aqui, é um ato de escuta e uma contra-cartografia — uma escrita constelar que se expande para acolher outras epistemologias, cosmologias e tempos.

Em diálogo, Lígia Nobre traça seus nós voláteis de cosmografias afroatlânticas e gaiagrafia, retomando a sua tese Terra-chão em movimento. Ao atravessar o cosmograma Kongo, os pontos riscados e as forças invisíveis que eles ativam, sua fala faz emergir a Terra como corpo e escritura, numa espiral entre o visível e o invisível, o acadêmico e o espiritual. Os pontos riscados são tomados como cosmogramas, gestos de escuta e inscrição de mundos múltiplos — onde o chão se move, vibra e comunica.

Kauã Vasconcelos, por sua vez, nos conduz à Encantaria Marajoara, território em que limites e fronteiras se tornam matéria viva. O corpo do pajé, atravessado pelos encantados, opera como passagem entre mundos. Em sua etnografia poética, o autor revela uma ontologia do atravessamento — a "viração contínua" —, em que o humano e o mais-que-humano se transformam mutuamente. O chão do Marajó é, assim, um campo de forças e de saberes, onde o visível e o invisível coexistem em permanente trânsito.

Na fala de Matheus Ribs, a arte aparece como contra-feitiço. Partindo da palavra "confluência", de Antônio Bispo dos Santos, o artista pensa a pintura como prática de reencantamento e reaproximação da terra. Seu trabalho desloca a questão racial do corpo para o território — entendendo o racismo como uma manifestação do pensamento colonial e da separação entre o humano e a terra. "Fechar os corpos" é também reabrir o vínculo com o mundo, com os rios e com os ancestrais.

Já na fala de Catarina Souza, a denúncia e a resistência emergem da experiência das mulheres negras na universidade. A pesquisadora expõe os dispositivos de racialidade que estruturam a educação e o design no Brasil, mas também afirma a potência de quem, mesmo sob múltiplas opressões, cria, pensa e resiste. Sua fala convoca a universidade a se repensar desde a margem, deslocando o centro e ampliando os modos de existência possíveis.

Bibiana Oliveira Serpa articula o pensamento de Paulo Freire e a prática política dos movimentos feministas por justiça reprodutiva, tomando como ponto de partida os artefatos e símbolos criados nas lutas pelo direito ao aborto. Serpa mostra como objetos como o cabide e o lenço verde expressam a denúncia das violências do aborto inseguro e o anúncio de um mundo por vir, onde a autonomia reprodutiva é direito garantido. O texto percorre ainda a genealogia desses símbolos, traçando a passagem do cabide, ícone do feminismo do Norte Global, ao lenço verde, nascido da confluência entre o movimento das Mães da Praça de Maio e a Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto na Argentina. Ao reivindicar esses objetos — domésticos, anônimos e coletivos — como práticas de design insurgente, a autora questiona a historiografia do design que marginaliza as produções populares e feministas, mostrando como essas materialidades constroem pedagogias de luta, politizam afetos e sustentam imaginários de justiça.

Por fim, Pamela Marques (Pame Macana) revisita a história e o imaginário da América Latina para propor o design como produção da vida. Seu percurso — entre Brasil, Cuba e Chile — interliga materialidade e simbólico, marxismo e pensamento decolonial, para reimaginar o design como prática mestiça, contraditória e

emancipatória. O "disenho latino-americano", em sua visão, é um gesto de (re)existência e de invenção coletiva de mundos.

Entre chão, corpo, confluência e cosmos, as vozes aqui reunidas afirmam o design, a arte e o pensamento como práticas de travessia. Elas desestabilizam fronteiras disciplinares e epistêmicas para propor um comum que não se dá pela homogeneidade, mas pela vibração entre diferenças. Talvez o lugar comum de que se trata aqui não seja o ponto de convergência, mas o território onde o chão — múltiplo, instável, sagrado — pode ser, ao mesmo tempo, casa, mapa e mundo por vir.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

NOURY, Carolina; SIRITO, Marina. Designs por vir: pensar, narrar e praticar outros mundos. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 9–10, 2024. DOI: 10.12957/arcosdesign.2024.85840. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/85840. Acesso em: 3 nov. 2025